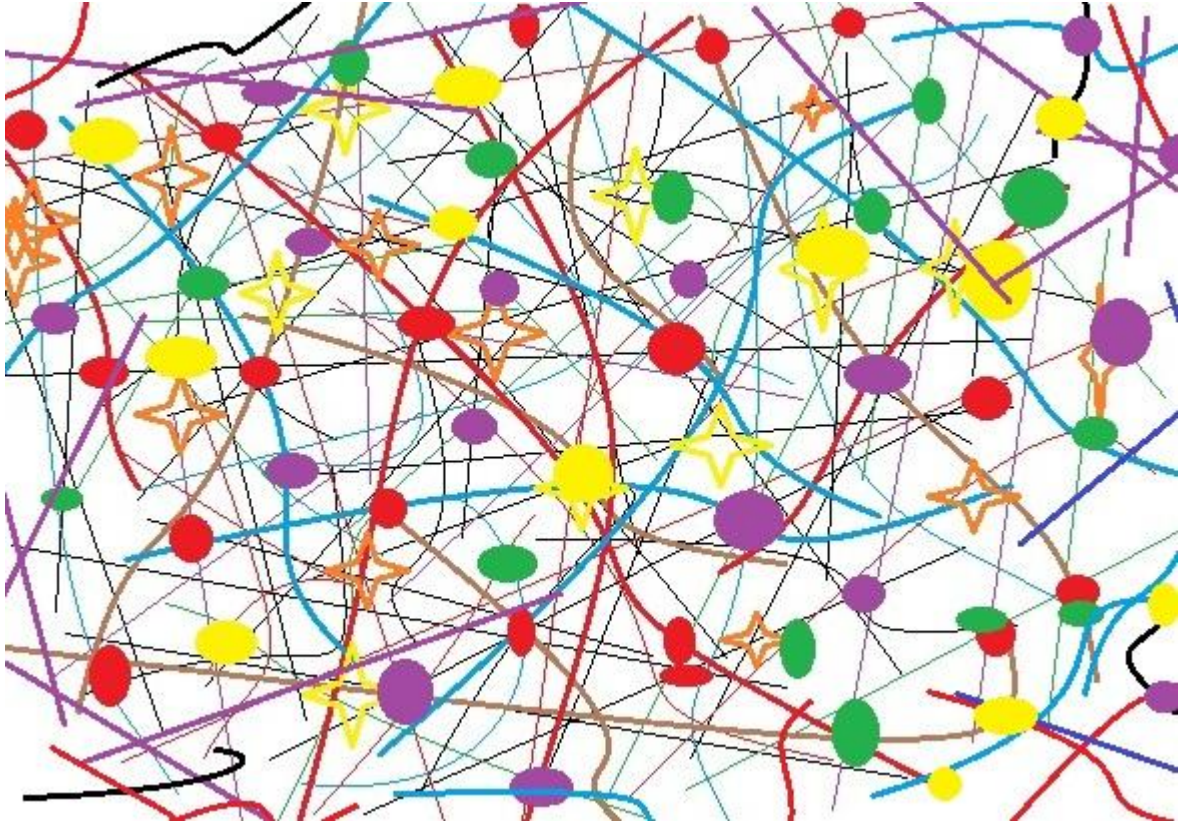


...enquanto...



...penso...

um poema-pensamento

de

José M. da Silva

©

2015

e como dizia
ou pensava
sei lá
sou daqueles
que se irritam
com um ruído longínquo imperceptível
sou daqueles
que se melindram
com a suspeita de um abandono
que imaginam
que fantasiam
que gostam hoje, desgostam amanhã
mas sem jamais deixar de amar
sou daqueles
que abominam
a injustiça, a hipocrisia
que se amofinam
com os planos inatingidos
sou daqueles
que primam
por ideias maravilhosas
projetos mirabolantes
que nunca saem da gaveta
sou daqueles
que se aninham
na esperança de um novo amor
eterno, ideal e duradouro
até que surge um novo amor
sou daqueles
que não terminam
as construções dos castelos imaginários
que toda noite alucinam
monstros, fantasmas, zumbis
que têm medo do compromisso matinal
que desperdiçam
todo bem material
sou daqueles que escrevinham
que vomitam no papel seus eflúvios mais recônditos
e por isso insisto
nesse choro convulsivo
abusivo
das palavras que não dizem
que não traduzem
o verdadeiro terror anímico
o derradeiro pavor do ser
e por isso renuncio
a viver a vida dos normais
da rotina, fraldas e enxovais
e com isso a tristeza
da incompreensão, da eterna desilusão
não há oásis no deserto dessa existência cansada
esgotada
essa alma aturdida

invoco forças dos confins do universo
o éter feito verso
na inutilidade das metáforas
e por isso abduco
de meu ser enquanto ser
e me deixo viver o só viver
o arrastar modorrento da pseudossanidade
a loucura travestida de humildade
um ódio atordoante do acordar
eu mesmo o bode expiatório de mim mesmo
e por isso vago
de livro em livro
de som em som
procurando razões inexistentes
inventando explicações mais convincentes
a mente impaciente
imaneente
pensamentos imparáveis
implacáveis
memórias esquecidas de momentos felizes
culpas pungentes por agressões infligidas
a dor
a dor absoluta
a dor impassível
a dor mais profunda
a dor da alma exaurida
a dor pulsante, incontida
a dor penetrante, o amargor
a dor da dor
a dor que ensina
a dor que é vida
a dor do sentir
a dor do ser
a dor do outro
a dor do ser o outro
a dor do ser do outro
a dor do amor
a dor da existência
a dor do ter e do não ter
dor que te quero dor
a dor enquanto dor
enquanto a manhã se apresenta
um conto singelo da natureza
em versos emoldurados por nuvens douradas
a mente viaja
em viagens possíveis
paradas bucólicas
um trem em ferrovia sem fim
levando do aqui para o além
o além que não acaba
passam árvores, matos, pessoas, pernas, rios e tesouros invisíveis
o telescópio da memória
os óculos da minha história

a música do observar
elaboro um plano sofisticado
para desaparecer em névoa colorida
viver no mundo em invisibilidade senciente
investigar
analisar
imiscuir-me na vida das pessoas
voyeur da existência alheia
saber o que pensam
saber o que sentem
como é sentir sendo outro
o que é sentir dentro em outro
recordo os primórdios da minha vida
insossos, felizes, apáticos, intensos
minha mãe fazendo cócegas
os brinquedos seres reais
os folguedos invernais
e o crescer despreocupado
os choques
irreversíveis
o desejo, o sexo, o gozo
a vida é um amontoado de transformações
transições
partidas e chegadas
de outros e de si
morte
mortes
mortes e mais mortes
de outros e de si
seguem explodindo lampejos em meu cérebro
penso alheio ao que me cerca
cada explosão neuronal traz uma imagem
retorcida
desmedida
flashes
recapitulo episódios
engulo sabores amargos
sinto na língua o doce de leite da infância
raspando a panela com vigor
prazeres fugazes que só os inocentes entenderão
a vida do dia me interrompe
sinto-me impelido, compelido, puxado
abolido de mim mesmo
o vestir, o caminhar, o ônibus, o labor
lavoura de sangue e suor desperdiçados
para nada, para outros, para nada
meu corpo se move, mas minha mente viaja
ainda no trem, eternamente no trem
caminhos alternativos, visões diáfanas, barulhos, cheiros
uma viagem bem-vinda
a fuga desta vida de merda
que passa despercebida entre quatro paredes
entre vinte e quatro paredes

entre paredes
tudo são paredes
muros intransponíveis
impermeáveis
só meu trem tem passe livre
train of thought
a vida me impede
o trabalho me impede
me mede
mas sou daqueles mortificados
ressuscitados
por um amanhã melhor que nunca chega
por um afã de saber cada vez mais
por um tesão sem destino fixo
mutante
um desejo de tudo e de nada
desejo do oco
fome do absurdo palpável
uma fisgada me acontece do lado direito
lembrando que estou vivo e vegetando
tudo normal
fisgo a fisgada de volta e a coloco em seu lugar
há esperança no anoitecer
há calor dentro de meu ser
há vontade de conhecer
outro ser
vejo silhuetas que me espreitam perscrutadoras
sinto suas indagações
respondo com sensações
e ainda nem tomei café
é a droga da existência me elevando mais uma vez acima do apavorável
pensar é meu narcótico, meu álcool, meu crack
um vício inabalável, intratável
que corrompe minhas entranhas
que me rasga em chagas libertárias
pensar, sentir, ser, pensar, sentir, ser, pensar, sentir, ser
meu moto-perpétuo
meu cofre inviolável
olho à minha volta e vejo figuras de pessoas
arremedos de gentes
risos, gestos, expressões, gritos, rictos
o mundo é tão sem sentido e tão sem sentido
percebo meu corpo moído
corroído
nada me serviu de nada
sou pior hoje do que quando comecei
sou como todos
sou assim
sou daqueles
que se enforcam no fim
falta-me a coragem
a voragem
o ponto de ebulição

abismado constato o que vem me remoendo há anos
estou cansado
estou cansado de tudo
estou cansado de tudo e de todos
estou cansado da humanidade
estou cansado do avanço tecnológico
estou cansado da modorra política mundial
nova ordem é o caralho
somos todos cartas marcadas num jogo perdido dos mais fortes
lugar-comum
verdade
o poder pode
o poder fode
só o poder fode
o poder domina
o poder comanda
o poder determina
o poder alucina
já tive poder
e não quero lembrar
já tive poder
e não quero mandar
o ser humano evolui ao contrário
eu evoluo com ele
para baixo, para dentro, para nada
sinto-me pleno de saber
e vazio de querer
somos todos um resultado
de um sim ou de um não
somos a ejaculação vadia de uma punheta impensada
sêmen jorrado a esmo
num universo escroto de podridão infinda
somos pênis e vaginas
e nada mais
somos corpos bonitos
de valor
somos corpos horrendos
de terror
carne
pura carne
sou daqueles
que arremetem
contra os adversários
contra os aniversários
contra os calvários
sou daqueles
que se arrebetam
e choram e sangram e cicatrizam em queloides indefinidas
sou daqueles
parte da excrescência
da abstinência
da paciência
da conivência

trago em mim as marcas da tortura da impotência
vejo as crianças
vejo os velhos
os aleijados
os desprivilegiados
os adultérios
os despautérios
vejo
e só vejo
vejo pessoas que ainda não vi
vejo e desejo
vejo o desejo
vejo o ensejo
e fraquejo
minha vida é pensar
gozo cerebral, mental, desproposital
gozo diariamente, momentaneamente, despercebidamente
olho e gozo
avalio e gozo
analiso e gozo
desclassifico e gozo
maltrato e gozo
gozar é o que importa
o gozo pleno é o gozo imaterial
o gozo pleno é o gozo sensual
o gozo pleno é o gozo cerebral
vejo e mais vejo
pessoas, carros, prédios, letreiros
roupas, modelos, fachadas, morteiros
e ninguém saberá
o que pensei
escrevo para ninguém
escrevo para o além
escrevo para o nada também
e ninguém saberá
da repetição
da rimação
rima-ação
e ninguém saberá
da inação
da premonição
do sonho que tive com a donzela que me estuprava
do pesadelo que me invadiu e deixou sequelas
dos pesadelos diários
dos arroubos libertários
ninguém saberá
do que penso
do que sinto
do que escrevo
do que descrevo em imagens mentais dentro de mim mesmo
dos meus infernos
terraís e astrais
do meu plano infalível para salvar a humanidade

do que penso da incoerência religiosa
ninguém jamais saberá
do que me falta
do que me completa
de quem é meu verdadeiro amor
do que me traz pavor
de tudo que aprendi com a volúpia dos corpos
da torturante visita dos mortos
eu matei
matei desejos
matei aspirações
matei momentos
matei a felicidade de outros
matei, matei, matei
e morri com cada morte
entreguei-me à sorte
da tortura infinita
cada morte que matei me retorna irrefutável
o que me matará não é a doença
não é o corpo cansado
o que me matará sou eu
é o remorso do que fiz e do que não fiz
comigo
contigo
convosco
com eles
com ela, com aquela
é o que traz a dor de volta
a dor sempre volta
a vida começa a terminar quando o doce se torna amargo
quando o amor é um ponto distante no olhar da vida
quando o vigor de existir se torna uma tênue visão da infinitude do universo
lembrar do primeiro livro
lembrar do bicho-papão
da mão do pai
atravessando a rua
da bronca da tia
lembrar é morrer
aos poucos
lembrar é saber que tudo se foi
que estar no mundo é condição
é algo inapelável
lembrar é saber que o fim se aproxima
o fim sempre se aproxima
ainda que distante
hoje mais perto do que ontem
o fim
de mim
de vós
do tudo
sinto cheiros, odores, aromas
ouço sons, ruídos, rumores
e penso

sou daqueles
que pensam
e pensam
e repensam
e se perdem pensando
demorando no pensamento
sou daqueles que demoram
que retardam o prazer
o prazer dilatado é mais saboroso
o gozo gozado é mais gozoso
no fundo o grande sonho de todos é que a vida seja um eterno gozo
mas o gozo termina por definição
o gozo é temporário por conclusão
gozar é momento
então que dure o momento
mas gozar é de dentro
é egoísta, é fetichista
o gozo é interno, é de cada um
o gozo a dois é ilusão
viver o gozo é sair do mundo
é sair do outro, sair de si mesmo
busca-se o gozo a esmo
busca-se tudo a esmo
por isso acabamos no mesmo
mesmo lugar
e eis que me dou conta do anoitecer
e penso
e escrevo
e mais penso
e mais escrevo
e me repito
e me redundo
na vã esperança de trazer à tona meu lado mais profundo
para que não sei, não importa
sou em mim o anoitecer da aurora
um impecável destruidor
inabalável construtor
irretocável demolidor
sou um relógio sem mostrador
meus sentidos sempre em alerta
sou todo minha própria percepção
fecho-me em pura irradiação
disparo feromônios de inteligência
sou meu próprio absurdo
meu lado obscuro
existo na condição de visitante deste mundo babaca
não posso sair do trem
não posso cair do trem
não posso
há um quê de nostalgia e futurismo em meu ar
pudera, sou vário
sou musical
cheio de notas e alterações

deprimo nos tons menores
alegro-me nos maiores
porque deve ser assim
a felicidade não existe
existem momentos felizes
e fim
desconfio dos felizes
porque não sabem muito bem o que sentem
desprezo os muito felizes
porque mentem
ser feliz para sempre é incompatível com a vida
é querer ser chegada toda partida
tenho orgulho
do barulho
do mergulho
do borbulho
dos meus pensamentos
e enquanto penso
agradecem a deus
e desatino
quanta bobagem sobrenatural
existisse deus e ficaria muito puto
porque deus não precisaria ser lembrado
à exaustão
tenho pena dos que creem
dos que não veem
sou daqueles
que não se atêm
aos desígnios do que não veem
só acredito no que vejo
só acredito no desejo
carnal
material
arterial
sensorial
neuronal
ainda que inexplicável
ainda que ainda
ainda que enquanto
enquanto durar o momento
o apaixonamento
que a paixão é fim
é um todo assim
produto
fato
o apaixonamento é processo
é o avançar sem retrocesso
é o apaixonar-se gradativo
é o querer convidativo
paixão não
apaixonamento sim
o enveredar-se pelos meandros do gostar
o aprofundar-se nos mistérios do amar

o conhecer
o desvendar
o deslindar
o desnudar
desnudar-se
que poucos se desnudam
poucos se expõem
sou daqueles que se mostram
que se exibem
que se enroscam
que mergulham
exibicionista e voyeurista
ver e ser visto
sadomasoquista
machista e feminista
fetichista
abolicionista dos sentidos
são tantas coisas a dizer nesse momento
solene
tudo se mistura
tudo inaugura
um novo momento a cada novo momento
o trem
o rio
o terreno baldio
o medo
o enredo
rimas e mais rimas
a vida são rimas
rimadas ou não
a vida é o mundo das palavras
sem palavra não há mundo
e sem mundo não há vida
ou ao contrário
que o sentido é arbitrário
o significado temporário
e retorno ao ponto original
que já nem sei mais qual era
se era doce
ou besta-fera
inundo-me de emoções e sensações
e de palavras e mais palavras
alagado estou nesse mar de distrações
vou caminhando sem rumo à frente do batalhão invisível
liderando a conquista de meu próprio castelo indevassável
espada em riste
a bela que me espera
a guerra, o sangue, a vitória
quem ganha numa guerra é relativo
o sucesso é mera questão de posição geográfica
acima ou abaixo, tanto faz
um é chefe e o outro capataz
até que vem a tempestade

o vento forte
e inverte o paradigma
reverte o enigma
subverte a posição ideológica
o ideal de hoje é o execrável de amanhã
o fruto doce, a erva malsã
tudo é passageiro
tudo é temporário
tudo é impermanente
a mudança é latente
inexorável
inadiável
até o marasmo é variável
porque o ser é adaptável
a outro ser
ao próprio ser
o ser tem a semente do não ser
o ter contém a gênese do não ter
e assim por diante
sucessivamente
transitoriamente
filosoficamente
queria ser um filósofo do infinito
investigar as esferas abstratas
proibidas
a música dos universos paralelos
ressuscitar os andarilhos do saber
amarrando discussões
promovendo relações
intrínsecas
explícitas
decisivas constatações
episódicas
metódicas
desvirtuado fui em algum momento do reto caminho
e arremessado ao burburinho pensante
às tintas do absoluto
às iniquidades do dissoluto
e gostei
e me empolguei
pois o oprimido só se liberta na imensidão das agruras
na devassidão das tessituras
na concretude do abstrato
pinto horrores em minha fala interior
explosão de cores
e sabores
e ardores
homenagem a todos os meus amores
amores de hoje
ex-amores
futuros amores
efusivos rancores
o mal que vem do bem

o certamente do porém
às vezes canso de rimar
e me proponho novos rumos
mas as palavras se atraem
me atraem
e viro o médium holográfico
o elo da corrente
e volto a rimar
incoerente
e adormeço no silêncio da tarde preguiçosa
disparo em correria por planos astrais
profundezas abissais
invento palavras antes despalmadas
agora defloradas
com violência
na impermanência
pura virulência
poética
hermética
o trem do pensamento agora lacrado
inviolável
até a próxima estação
baldeação
livre associação
do quê com o porquê
associo palavras, ideias
e me desassocio de meu ser
de meu próprio existir
para poder sobreviver
pois o mundo é carência
é desapatência
é pensar sem poder parar
sem querer parar
ainda que o sono chegue
ainda que o povo me apedreje
então veremos o raiar do novo dia
límpido
aveludado
um atentado
à beleza
da natureza
singelo amarfanhar de tecidos esvoaçantes
etéreos
funéreos
e a vida continua
pra onde, não se sabe
clichê
clichês
michês
somos todos michês
somos todos cafetões
vivemos para ganhar tostões
extorquir milhões

ganhar pouco ou muito tem a mesma essência
no fundo, ganhar ou roubar dão na mesma
mudam as atitudes
até porque ganhar sem trabalhar também é roubar
comodismo
consumismo
pragas da modernidade
modernidade já antiga
a culpa é da modernidade
o moderno é que é sacrílego
para uns
o moderno é tudo
panaceia global
para outros
e a vida continua
mas eu já disse isso
repetindo
ecoando
o falar do mundo
superficial
amedrontado
o ser tem medo
medo de se expor
medo de expor
medo de compor
medo do torpor
inexplicável
depressivo
e somos todos depressivos
daí as drogas, os álcoois, as violências, os estupros, os trabalhos, os gerentes, os crimes, os
[poderes

tudo a mesma essência
depressiva
opressiva
compressiva
seres oprimidos
homens deprimidos
mulheres deprimidas
crianças entediadas
viagens, amores, sexos e excessos
tudo depressão
tudo insatisfação
tudo, tudo
felicidades artificiais
devia ser proibido ser feliz de fachada
falsificar a própria felicidade
imitar a própria falsidade
mas fugir faz parte do humano
fugir sempre, negar sempre
ou ser louco, diferente, alucinado, pária, controverso
palavra da moda
que justifica
que bestifica

que aceita
mas critica
palavras, palavras, palavras
sempre palavras
ditas
inditas
reprimidas
inentendidas
mal entendidas
contidas
ainda não foi totalmente explorado o poder das palavras
inibir com uma
gozar com meia
um parágrafo bem escrito e um suicídio acontece
um parágrafo mal escrito e um assassinato acontece
ou vice-versa
depende da intenção
do autor
do leitor
porque o leitor é responsável pelo que lê
sou daqueles
que leem
que interpretam
que se locupletam
de palavras, de olhares, de sentires, de devenires
que não devêm
que chegam tarde demais
que se antecipam ao tempo das coisas
tudo tem um tempo
todos têm seu tempo
o fluxo não para e segue no tempo
fluxo de tudo
não se interrompe o fluxo
nem o luxo
a punição vem a cavalo
entre um e outro badalo
da igreja da cidadezinha religiosazinha
do povo crédulo
do pecado amedrontador
inibidor
proibidor
estupor
o paraíso
inacessível
inadmissível
incrível
e no entanto...
são tantos os que creem
são tantos os que se abstêm
são tantos os que se contêm
o mundo mudou
o homem voou
o futuro aportou

e no entanto...
ainda somos as bestas da floresta
opressoras, mandonas, repressoras
as bestas da floresta de pedra
escondidas
subterfúgios
ameaças implícitas
somos as bestas do apocalipse existencial
somos
eu, você, todos os demais
na verdade, somos travestis de nossos desejos
ao nos vestir de bons moços
de mocinhas dóceis, indefesas
travestimos nossa ira, nossos desejos mais reclusos, nossa falsidade e hipocrisia
com a norma culta
com o bem falar
com o discurso articulado
com a delicadeza
com o bom comportamento
como preconceito
com o apequenamento
na alta sociedade assim como na sarjeta
somos todos iguais
na doença
na pobreza
na tristeza
no sexo
na nudez
na falta
na carência
no sangue
na tortura
na dor
de novo a dor
sempre a dor
motor
do mundo sensível
do insensível ninguém sabe
ou não diz
as pessoas se enganam
desde o liúde
a aparência, a boniteza, a sofisticação, a contenção
tudo pelo social
tudo pela aceitação
eu preciso ser aceito
eu quero ser aceito
eu quero tanto ser aceito
mas minha demência não deixa
minha impaciência
minha cruza
minha sinceridade
minha eloquência
minha sapiência

minha autenticidade
pecado supremo da pseudomodernidade
eu te conheço, bem lá no fundo
mas você não sabe
nem imagina o que descobri em teus gestos
em tua voz
em tua risada
ser desgraçado, falso e demoníaco
mas não te digo
eu quero ser aceito
por isso não digo
só te persigo
com belas palavras, anuências e favores
eu quero, eu tenho que ser aceito
mas o mundo não aceita os degradingolados
os descontrolados
os incontroláveis
os inencaicháveis
os sem dinheiro
os sem paciência
os sem aquilo de que falam os filmes
a boa literatura
a famosa pintura
e mais uma vez meu trem se afasta do trilho
pega um atalho
um rebotalho
e vou com ele
impávido
porém receoso
atalhos são perigosos
podem dar num jardim
podem acabar num abismo sem fim
sou daqueles
que são atraídos pelos atalhos
pelo perigo
pelo que não é comum
pelo que não é normal
pelo que não tem sentido
pelo que não é polido
tiro meu sentido do que não tem sentido
do que foi parido
e isso é problema meu
assumo a responsabilidade
quase sempre
que não sou sempre do sempre
nem nunca do nunca
se tudo é relativo, a relatividade é uma inconstância, uma irrealidade
uma veleidade
uma presunção
uma abstração
e meu telefone não toca
faz mais de mês
ninguém me quer

não faço muita falta
ou finalmente consegui afastar os imbecis
que eram tantos
que eram todos
ou talvez minha pessoalidade os afastou
dane-se
sou feliz assim
no meu canto
com meu canto solitário
libertário
de mim mesmo
das gavetas onde fica armazenado
para um dia ser desenterrado
dissecado
e provavelmente jogado fora
como tudo que não seduz
como tudo que não reluz
o valor das coisas é atribuído aleatoriamente
periodisticamente
temporariamente
olhou, gostou, imortalizou
a arte é assim
a beleza é assim
depende do olhar de quem tem poder
depende do cacife de quem quer foder
de quem tem o poder de achar que pode entender
e poder não é saber
não é conhecer
poder é poder
e fim
tem arte que é desarte
tem arte que é inarte
tem arte que é desastre
mas tudo é arte para quem quer que seja arte
arte no fundo é amor
não há muito amor por aí
daí
tem arte que não é arte
é só um aparte
na sequência do caminho de alguém
uma parada rápida
um fast-food do prazer
engana, finge que satisfaz
faz mal, incompleta o ser
ainda bem que não faço arte
faço palavras
faço pensamentos
ah, o telefone tocou
ainda sou querido
agora está tudo bem
a procura estabelece os índices de afeto
quanto mais cercado o ser
mais feliz deve ser

pois tudo é quantidade
é o que dizem
mas sou daqueles
que não confundem
que não misturam
o número e a qualidade
a essência
gosto dessa palavra
essência
encontrar a essência de tudo
a essência das pessoas
a essência dos fatos
essência
a essência da realidade
a essência da incoerência
a essência da existência
a essência da competência
tudo tem uma essência
às vezes óbvia, imediata, visível
às vezes escondida, sutil
sou daqueles
que buscam a essência
até mesmo do que é sem essência
que o resto não importa
não comporta
a verdade do em volta
saber a verdade do entorno
esse o segredo
e quem sabe? quem percebe? quem sente? quem constata?
pouca gente
indulgente
perco o trem por um instante
fui beber água na estação
quase fiquei para trás
o que dizia mesmo?
ah, falava do afeto
do desafeto
verdades iguais porém inversas
invertidas
o desafeto ensina mais do que o afeto
o desamor ensina mais do que o amor
engraçado
quase o mesmo número de letras
duas frases
diferentes
mesma essência
ela de novo
coincidência
evidência
material
ou sobrenatural
procuramos todos a subsistência
carnal

verbal
oral
anal
sensorial
e por isso as parelhas
as centelhas
você me ajuda e eu ajudo você
você me atura e eu aturo você
de novo
agora o mesmo número
muitas coincidências nesse trem
quase me impelem ao amém
mas sou daqueles que duvidam
que increem
que descreem
até o fim
negar até o fim
como o traidor
o corruptor
o passageiro clandestino
com destino
passageiro do amanhã
negar até o fim
o sentimento
varrer para debaixo do tapete
mais clichês
se pensarmos, vivemos de clichês
oi, como vai?, vamos marcar, até logo, te amo, tudo bem
tudo bem porra nenhuma
eu não gosto de você
a vida nos obriga a conviver
você é falso comigo
eu sou falso com você
simples equação
suprema erudição
uma grande afetação
imposição
mostras de consideração
a raiz da podridão
sou daqueles
que se rebelam
que não dizem alô
que se foda o alô
cansei de dizer alô
preciso me acalmar
apalpar
uma bunda lisinha
uma face lindinha
o sexo acalma
promove o encontro
mascara o temor
traveste de ardor
qualquer tipo de dor

santo remédio
para o tédio
mas sexo é bom
quando tem bombom
quando tem brinquedo
quando tem querer
mas aí não é sexo
é exploração, expedição pelo corpo alheio
é desbravar o desconhecido
é procurar novos sentidos
é descobrir sensações
é para os fortes
só o forte faz sexo com vontade
o fraco faz amor
com pudor
ou com fingido despudor
com arquitetado e malhado vigor
como na novela
o rapaz que ama ela
ah, que coisa singela
meu coração todo se esfarela
não, não sou desses
definitivamente não sou desses
sou do inaudito, da surpresa
do encontro que traz o desencontro
do desencontro que promove o encontro
meu desejo é insaciável
mas se satisfaz rapidamente
precipitadamente
paulatinamente
vagarosamente
meu desejo é variável
vive inexplicavelmente
o que se explica não é desejo
o que se explica não é amor
o que se explica é fato, é ciência
não é essência
de novo
a essência das coisas me persegue
a busca me excita
a escrita me explicita
sou uma bomba atômica
prestes a explodir
dentro de mim
levarei muita gente comigo
a bem da verdade já explodi
várias vezes
destruí cidades
pessoas
relações
sobrevivi
a duras penas comigo mesmo
culpa, autotortura, autoflagelo

mas me fiz feliz
dentro do possível
no mais, vivo
estou vivo
ainda vivo
vivo enquanto penso
ou penso enquanto vivo
penso logo vivo
vivo logo penso
matemáticas cerebrais
raciocínios inúteis
vidas fúteis
a futilidade é uma boa vestimenta para a incompetência
para a imbecilidade
para a inutilidade
a moda
toda futilidade acaba na moda
o cabelo da moda
a roupa da moda
a fala da moda
o restaurante da moda
a música da moda
o pensamento da moda
a nova ideia da moda
o novo ideal da moda
a moderna moda da moda
futilidade teu nome é moda
sou daqueles
que não seguem a moda
que se vestem com as palavras que vierem à mente
ainda que não se adéquem ao ambiente
faço meu próprio ambiente
sou meu próprio ambiente
egoísta
perfeccionista
individualista
não preciso do mundo
ninguém precisa
outro mito
mito do gregário
mito do celibatário
mito
mitos
tudo são mitos
do levantar ao ir deitar
tudo são ritos
do partir ao ficar
os ritos, os mitos nos moldam
acalmam
igualam
eu te reconheço por nosso mito
eu te aceito com nosso rito
em nosso meio

tudo o mais é externo
e externo é feio
externo é errado
externo é externo
só importa o que nos é interno
subalterno
somos todos fascistas
somos todos segregados
dentro de nossos próprios condomínios
condomínios da rua
condomínios da alma
sou daqueles
que mijam fora do penico
e sofrem a exclusão
do meio
dos pares
dos iguais
dos normais
a normalidade é uma condição preexistente ao rito do mito
normal
ritual
tudo igual
não pertenço a confrarias
prefiro as ironias
o sarcasmo cruel das metonímias
ataco para ser atacado
e me defender
como os animais
somos todos animais
uns mais instruídos
mais polidos
outros mais selvagens
mais calejados
mais alvejados
mais vividos
mas no fundo, animais
bem, há os vegetais
os alienados
os condenados
à imaturidade, à nulidade
e há os radicais
os autoilumidados
os donos da verdade
de minha parte
prefiro os animais
irracionais
odeio os demais
fantasiados de vestais
minha decepção é imensa
com a humanidade
vidas insossas, repetitivas, aflitivas, reativas, reacionárias
dogmas, sociedade, sobriedade, proibidade, etiquetas, regras arbitrárias
sou do improvisado

do chiste
perco o amigo
mas conto a piada
sou do antipolicamente correto
um maledeto
um desapegado
um eremita
um hedonista de corpo e alma
do próprio corpo e da própria alma
já falei disso
em algum lugar
em algum momento
em outra existência
não lembro bem
não foi hoje
não foi amanhã
ontem talvez
enquanto respondia os porquês
e dava o troco ao freguês
e meus sentimentos a sua mãe
a morte é sempre um acontecimento fatal
os diferentes se igualam na morte
e na tristeza do enterro
no desterro
para nunca mais
minha terra tem caixões
onde cantam almas penadas
gosto das paródias
das metáforas
anáforas e catáforas
dos recursos estilísticos
dos arroubos etílicos
ah, os arroubos etílicos
quantos crimes, casamentos e crianças não nasceram deste modo
quantas ideias insightadas
e quantas automortes evitadas
o álcool bem dosado
um poema escrevinhado
que nem só de morte vive a vida
e no entanto...
morremos todo dia
a todo momento
morremos para nós mesmos
morremos para nossas palavras que não são ditas
morremos para a surpresa que não causamos
morremos para o outro que passou
morremos para a vida
vida que é uma sucessão de mortes bem-vindas
diárias
libertárias
bom é morrer no sono
e acordar um novo ser
seja onde for

com fundo musical diferente
pungente, plangente, dormente, dolente
gritante, dançante, acachapante, alucinante
a música é o sal e o açúcar da existência humana
é a comida
é o alimento diário
o ritmo que mantém o corpo
a melodia que eleva o espírito
música
arte
poesia
música é poesia com outras letras
poesia é música com outras notas
queria escrever a poesia direta
a poesia da alma, do espírito, do corpo, do cérebro
sem a exigência de ser poético
sem ter que ser sintético
a música é improviso
na poesia o improviso é mal-vindo
mal visto
só um chuvisco
um arremedo exagerado de poesia
queria deixar fluir
o sentir
mas o poeta precisa agradar
precisa se enturmar
precisa fazer chorar
precisa fazer aflorar
o quê, não sei
mas o poeta precisa, precisa, precisa
eu só quero dizer
em versos curtos
em palavras mudas
o que sinto
o que pinto
lá dentro de um ser conflitado
amargurado
conformado
revoltado
queria ser o poeta da nova poesia
da poesia livre
da poesia do qualquer verso
da poesia do sentir
da poesia do existir
o existir não se conforma
o existir não se amolda
o existir só existe
em fluxo constante, ininterrupto
o existir não para
não repara
a poesia do existir não deveria parar
não se interrompe o fluxo
não se interrompe o trem

não se interrompe o pensamento
não se desliga o momento
não se bloqueia o argumento
minha poesia não é clássica
nem moderna
minha poesia não é poesia
é azia
é euforia
sem pretextos
sem motetos
sem caminhos previsíveis na imprevisibilidade prevista
minha poesia não é poesia
é só dizer
e dizer é o que sei
é só o que consigo
já me esforcei
e só consegui falar comigo
dizer de mim para mim
essa é a minha poesia
um falar sem fim
um eterno argumento
uma tentativa
uma invectiva
um esgar
um inflamar
um inflar do ego
um queimar do desejo
um sorrir do desapego
um algo de alguma coisa
para mim desconhecida
ainda
só sei que preciso dizer
por mim ou por alguém
dizer, dizer e dizer
falar e mais falar
sem parar
parar é morrer
morrer é parar de dizer
parar de dizer é interromper os versos
seja lá o que forem
seja lá pra quem forem
meu verso é desaforo
é estorvo
é o tal anjo torto
meu verso é arremedo
é porrada
é vômito
é alegria
é letargia
é tudo e é nada
é catarse
é minha verdade
sinceridade

que dói
que me dói
que me acalma
que me aflora a alma
é desimportância
é jactância
é esperança
é inconstância
é a maneira que encontro de me dizer tudo a mim mesmo
de que forma for
acima de tudo com amor
com ardor
com temor
com fervor
em minha poesia sou o deus de minha religião
o demônio de minha exatidão
meu certo e meu errado
meu que se dane o mundo
minha vingança em prato frio
meu desinteresse pelo restante
minha comida e bebida
meu egoísmo
meu arcaísmo
meu futurismo
minha glória
e meu abismo
mamãe me criou para ser alguém
eu cresci para ir além
e ainda não sou ninguém
o trem ainda me leva
pra não sei onde
pra não sei quem
olho a paisagem e não a reconheço
recebo dádivas que não mereço
escolho frutas podres
de aparência saudável
semeio brisas
e colho vendavais
mas não importa
sou dono desse trem
até certo ponto
pois nunca se é dono de nada nem ninguém
nem do próprio pensamento
meu pensamento contém fagulhas de outrem
de tudo que vi, de tudo que vejo, de tudo que verei
meu pensamento é sozinho mas não é solitário
sou um composto
um preposto dos demais
sou amálgama do mundo inteiro
partes de um todo que jamais será montado
e por isso não sou dono do que penso
autor do que dispenso
meu pensar é fragmentário

é multifacetário
mas sou felizmente quem aglutina
quem cola
quem organiza
quem hierarquiza
essa bagunça mental
e daí o banal
daí o animal
daí o bacanal
daí o bem e o mal
sou em resumo, um desígnio indesignado
improjetado
introjetado
a interiorização do que me cerca
aquilo que me integra
que me preenche
até não poder mais
até explodir
em versos, em palavras, em gritos surdos
para não morrer
para não esquecer
para enternecer
para desfalecer
para conhecer
para estremecer
quanto mais digo
mais vontade de dizer
sem amarras
sem garras
sem algazarras
só um sussurro
um grito inaudível
um berro que impressiona
o eternizar do transiente
o passageiro transitório
que passa, marca, sente e se vai
que olha, remexe tudo e some
deixando a limpeza para quem for de limpar
abandonando a beleza para viajar
sou daqueles
daqueles outros
desconhecidos
intensos
hipertensos
distensos
um ser sem consenso
um questionar ambulante
vaticinar inebriante
no sossego do próprio tumulto está o germe da salvação
na poeira da indecisão está a centelha da ascensão
queimo em minha fogueira
renasço fênix abominável
conquistadora

fascinante
morro com as asas derretidas em meu próprio sol
e renasço novamente a cada novo dia
meu dia é diferente
é a noite ao contrário
é o desfrute necessário
o desplante incendiário
meu dia se faz noite que se faz dia que se faz noite
um tique-taque irritante
inquietante
arrepante
inconstante
empolgante
como gostaria que fosse minha poesia
inquietante
arrepante
inconstante
empolgante
vivificante
mortificante
que os opostos se completam
na incompletude obrigatória
o ser é incompleto
irrequieto
por natureza
está longe e quer estar perto
afoga-se no mar e floresce no deserto
ó inconstância! fazei de mim instrumento de vossa coerência
a coerência do caos
meu caos
que me leva ao antes e ao depois
enquanto me deixa no aqui e agora fingindo que sou
tempo e espaço
obstáculos do pensar
barulhos não identificáveis
a campainha
pode ser a pizza
ou minha princesa encantada
a polícia
ou uma alma penada
tudo é bem-vindo
menos a polícia
que é corrupta
e não sou daqueles
que aprovam a corrupção
a lavagem de mão
que morram os pilatos e os herodes de plantão
e sofram toda a flagelação
e na morte insofismável e irrefutável
que se vão os donos de mandato
enganadores do eleitorado
excrescências da nação
protuberâncias cancerosas da traição

e
que se vão também os radicais e falsificadores da emoção
sofro pelos que sofrem
impotentes
reticentes
insolventes
sofro pelos que doem
que se desconstroem
que agradam pra não sofrer
choro pelos que ardem
em fogo eterno nesta terra de miséria
que se exaurem
num trabalho infrutífero
que não leem no jornal
como planejam seu final
que vivem por viver
que existem por não terem outra coisa pra fazer
choro e me consumo
pelas crianças sem comida
pela vida que não é vida
pela condição sofrida
pelas agruras revoltantes
choro, sofro e me acomodo
cúmplice do alterossofrimento
minto para mim mesmo
e me convenço
de minha impotência inverdadeira
e por isso antecipo minha própria destruição
angústia me corrompendo as entranhas
por dentro
de dentro pra fora
o mal que fiz
o bem que desfiz
tudo me consome
e por isso escrevo
e por isso descrevo
um mundo ilusório
infindável velório
de seres que são não seres por não serem os seres que pensam ser os seres que são
jogo de palavras
jogo de verdades
jogo da vida
faço uma pausa
pra cuidar da ferida
exposta
imposta
nojenta
purulenta
gosto de ser essa ferida ambulante
andarilha
que me dói porque a sinto
que te dói porque a vê
sirvo a mim

sirvo a ti
esse o propósito de estar aqui
um dia vou contar o que li
sobre o que olhei e não vi
foi um acontecimento
uma exacerbação de desprendimento
eu voava em pedaços
em partículas pensantes
em vapores abundantes
e via tudo de cima
de dentro
de fora
de lado
de baixo
e de trás
eu olhava e não via
eu pensava e sentia
eu estava e não percebia
eu chegava e partia
tudo num momento
tudo ao mesmo tempo
mas deixemos isso de lado
é pura filosofia
é muita picardia
e não sou de bonomia
prefiro a agonia
em vez da alegria
só o sofrimento ensina
só a tristeza motiva
só o desespero traz alento
só o infarto alforria
aquilo que dói ilumina
e quando a dor for muito forte
recorro à cerveja
ao amor
que dá no mesmo
são as fontes da ilusão
precursoras da desilusão
que é sofrimento
e só o sofrimento ensina...
mas já disse isso
é hora de avançar
é hora de seguir
mas para onde
eis a questão
seguir
só se for para desmistificar
desanuviar
o peso desse ar
agora que sinto a divindade me possuir
cair em mim
vou-me diluindo
me esvaindo

de mansinho
perco os sentidos
e me integro no éter de mim mesmo
já não me sinto
como eu
sou outra pessoa
sou outro ser
sou meu próprio prazer
sou meu próprio gozo
enquanto exploro as possibilidades de meu pensar
meu sentir
meu usufruir de mim mesmo
sou eu mesmo e não sou nada
nem ninguém
sou puro sentimento
sou pura emoção
pura letargia
pura energia
em repouso aparente
em ebulição interior
vou me transformando na divindade
meu ser é onisciente
onissenciente
oni-impressionável
sou um onisser
diversos em oníssono
retorno aos poucos para a existência terrena
e vejo o computador
essa entidade inescrutável
insondável
obscura e profunda
que me traz tanto prazer
só as ondas da internet nos colocam realmente no mundo
nos permitem viajar no verdadeiro sentido do termo
território conhecido
povoações habitadas e ermas
são as ondas virtuais
os caminhos digitais
vicários e reais
meu corpo imaterial viaja no trem que se universalizou
um corpo que se digitalizou
é o mesmo trem
mas é outro trem
só os iniciados entenderão
conheço todos os mundos possíveis
e também os inviáveis
volto enriquecido
enlouquecido
incontrolável
retorno da quinta dimensão
para o convívio tridimensional
maçante
o já conhecido

o caminho já percorrido
onde o novo não é mais novo
de multiangular
torno-me novamente maniqueísta
meu trem agora tem cheiro e consistência
típica existência de todos os mortais
por isso prefiro as tempestades virtuais
imaterialidades reais
o imponderável é aqui
ou ali
tanto faz
que já não sei o que me faz seguir em frente
algo me tirou da inércia
um tapa de realidade
um soco de materialidade
sangro em 3D
fora da TV
voltei a ser quem eu conheço
voltei a meu antigo endereço
e por fim
não satisfeito
escrevo
e como escrevo
ainda que enjaulado
pelas paredes do meu apartamento
ainda que isolado
pelo medo de ser assaltado no cruzamento
ainda que revoltado
pelos discursos de ódio apresentados como liberdade de expressão
ainda que hipnotizado
pelo desinteresse da nova geração
ainda que decepcionado
pelos mandantes da nação
ainda que enclausurado pelas convenções sociais
e mesmo assim escrevo
jogo palavras aos porcos
e sentimentos ao vento
cedo a casa aos predadores
e durmo – pouco – ao relento
procuro becos diagonais
em leituras primordiais
vivo vicariamente
tenho muitas vidas
já nasci diversas vezes
e morri outras tantas
salvei jovens donzelas
casei com verdadeiras cadelas
gargalhei e chorei
caguei e orei
ao penetrar as histórias
dos romances
dos filmes
dos quadrinhos

dos letrados
dos grafiteiros
já que tudo é poesia
e poesia é o que interessa
poesia e humor
sexo com sabor
ficções do horror
ilusões do amor
ah, o amor...
aventura-se um inseto pelo teto do meu quarto
ele faz o que lhe impõe o instinto
inexplicável
imutável
eu observo
como postula minha natureza
como me instrui o destino
como aprendi na escola
meu destino de poeta do indizível
apago a luz e me ponho a meditar
levitar
sonhar
cochilo, acordo, durmo
e acordo sobressaltado
açodado
refogado
em fogo brando
para mais um dia vivido em banho maria
aturando a demagogia
recusando a idolatria
abjurando a ideologia
são todos loucos
só um povo insano mata o semelhante
e vai à igreja
e reza
e se perdoa
na pessoa
de um todo-poderoso invisível
inverossímil
e no entanto
sou parte da insanidade
compactuo
recuo
cedo
com medo
e nada faço
que propósito tem meu estudo?
qual o objetivo de tanta palavra?
de tanto pensar?
desse eterno teorizar?
o mundo precisa de práticas
fáticas
de atitudes didáticas
e eu preciso de férias

férias do mundo
férias das gentes
férias complacentes
como o marido de sade
como o hímen da virgem
preciso urgentemente de uma vertigem
qual apaixonamento de amor
é preciso perder o chão de vez em quando
avisou o filósofo da esquina
antes de fazer a faxina
e degolar a menina
são tantas notícias
insinuações sub-reptícias
quem diz a verdade?
o jornal ou a celebridade?
o passado ou a contemporaneidade?
a faina ou a vaidade?
o cérebro ou a mediocridade?
às vezes me atacam as perguntas
ficam todas irrespondidas
no limbo do raciocínio
no estresse do escrutínio
tenho tendências homicidas
mas por via das dúvidas
faço estoque de formicida
qualquer coisa, me enveneno
e acabo com a história
ou a história acaba comigo
não sei o que é pior
a história do mundo
ou a minha tosca história
que me faz transbordar a memória
sou parte do mundo?
ou o mundo é parte de mim?
digressões
novas discussões
ouço um cão que late ao longe
em algum momento todos latimos
em algum momento somos todos cães
vagamos a esmo vadios
e achamos que nos achamos
que nos encontramos
para um dia perceber
que os encontros são a arte do desconhecer
todo encontro separa
todo encanto mascara
e o tempo, esse não para
não espera ninguém
fia-te na virgem e não corre
e verás
dizia minha mãe
precavida ao extremo
e por isso meu lado metódico

meu rigor pedagógico
mas quem desejo enganar?
meu eu interior é anárquico
meu pensamento é errático
sou um refrão sorumbático
e um mapa do inferno caótico
acho que estou ficando resfriado
também pudera
fiquei até tarde na rua
esmiuçando a mulher nua
não há quem resista
a uma visita intimista
enquanto isso
em gotham city
ouço uma canção da pitty
e tenho pena
não sei bem de quê
mas tenho pena
pena
tenho pena
de quê?

...
acontece assim

...
às vezes dá um branco

...
o trem rateia

...
o pensamento...
o sono...

...
...
depois eu volto
depois...

... ..
preciso voltar

...
preciso continuar

...
preciso terminar

... ..
mas terminar o quê?

...
se isso não tem fim...
fim...
o que é o fim?

...
o começo?
não, isso é clichê

...
onde foi que eu parei?
ah sim
pena

então, retomando
tenho pena
de mim
dos outros
de nós todos
sou daqueles
que são outro
que são um outro
que são outros
que são o outro
que são dos outros
que são os outros
je suis les autres
os outros sou eu
também
porque no fundo não temos uma individualidade individual individualizada
eu sou partes
de mim
do mundo
dos outros
os outros de novo
as influências
dos outros
as concupiscências
dos outros
a benevolência
dos outros
a incompetência
dos outros
a sapiência
dos outros
a indolência
dos outros
e tudo isso sou eu
somos nós
desde nossos avós
para todo o sempre
parte o trem novamente
sabe-se lá para onde
meu pensamento é quem sabe
mas acho que nem ele sabe
ele vai tentando
experimentando
buscando
trilhando novos caminhos
explorando
e por isso a pena
de quem não pensa
de quem não ataca o desconhecido de frente
de quem se contenta
com o reflexo no espelho
mas eu
sou daqueles

que quebram o espelho
que destroem
e que depois reconstroem
quando é possível
mas nada remontado é igual
ao original
menos mal
o novo não precisa ser novo
basta ser diferente
único
mediúnico
meu espelho interior é todo partido
quebrado
colado
remontado
e por vezes
quando estou assim
muito a fim
há um novo espelho dentro de mim
e me vejo diferente
me vejo outro
je suis un autre
again
amém
minha vida não é minha vida
meu pensar não é meu pensar
meu existir, não sei
mas meu trem é único
meu pensamento é rúnico
queria saber quanto vale um segundo do pensar de alguém
a penny for your thoughts
a penny?
então é isso que vale?
pensamento em deflação
para os pobres mortais
não para os nobres pedestais
quanto vale o pensamento?
quanto vale a vida?
quanto vale tudo isso?
quanto vale o amor?
quanto vale o calor da mão amiga?
tudo são quantias
medimos o mundo em números
metros e minutos e dinheiros
somos números
minha identidade é um número
je soy a number
um número globalizado
e nada mais do que isso
nada mudou
antes éramos outra coisa
nomes
palavras

chavões
axiomas
obras
hoje números
precisamos ser identificados de alguma forma
porque somos por demais complexos para uma identificação pormenorizada
atualizada
porque somos mutantes
eu não sou mais eu
aquele eu de um segundo atrás morreu
esta frase não é mais dele
nem é mais minha
nem de quem serei amanhã
ou daqui a pouco
são ou louco
mudo ou rouco
o tempo transcorreu
o ser morreu
somos mutantes
somos temporários
e por isso a dúvida
e por isso a incompreensão
entendes o que falo, mas não sou mais eu que falo, foi meu antecessor
por favor, reconsidere
eu não sou mais ele
nem sou mais eu
eu sou meu futuro em um próximo segundo
que não mais será ele próprio
confuso demais para explicar
sou obtuso demais para expressar
para analisar
para organizar
mas e se nada puder ser analisado?
e se nada precisar ser analisado?
organizado?
explicado?
e se tudo for isso mesmo
um aglomerado de coisas
a esmo?
por que justificar?
por que catalogar?
por que numerar?
o número novamente
tudo são números
já diziam os antigos
na verdade eu sou diversos números
aqui um número
ali outro número
acolá mais um número
serei uma soma?
uma multiplicação?
ou uma divisão?
como devo ser reconhecido?

por subtração?
não
sou daqueles
que não se satisfazem em serem números
prefiro ser o que penso
ainda que confuso
ainda que difuso
ser identificado por minha própria identidade
expliquem-me se forem capazes
mas cuidado
eu sou outro
e sou vocês
expliquem-me e se explicarão também
estão preparados?
para me verem em vocês?
para se verem em mim?
minha pluralidade não é só meu eu
meu eu é também vós
meu eu contém o nada e o tudo
o cada e o mundo
volta então meu pensamento com força total
em sua loucura seminal
abissal
abstral
anormal
as ideias no varal
ao sabor do vento
soltas
revoltas
pingando
secando
agora é uma poeira só
agora é uma calmaria só
frio
calor
mormaço
prefiro o frio
e tu, ó outro ser, o que preferes?
de fato, a vida são preferências
são referências
incongruências
insurgências
degenerescências
e renascências
só para rimar
que o poema é meu
e nele mando eu
quando o leres
pensa o que quiseres
mas enquanto escrevo
sou o rei do castelo de meu pensar
de meu rimar
ou desrimar

por agora
sou meu próprio poe­tar
que a vida é poesia
tudo é poesia
boa ou ruim
mas poesia
até o absurdo é poesia
pura
puta
que a pariu
quem pariu o mundo?
quem pariu a poesia?
sim, sempre o poeta
o poeta cria e recria o mundo
o seu mundo
o mundo dos outros
a poesia é a arte de ver o mundo por diferentes ângulos
cores
sabores
o poeta tem sensores
antenas
bobinas
transformadores
e a poesia é um resumo
ou um tratado
do mundo
do fundo
do poço
seu moço
eu?
sou daqueles
que já nasceram velhos
avançados no tempo
desajustados
incontrolados
e segue o trem
algumas paradas para reparo
não reparem no que digo
é tudo sem ambição
é só um jogar fora do lixo neuronal
alguns chamam de poesia
outros de agonia
ou atrofia
mental
o importante é rimar
de uma forma ou de outra
de minha parte
sou daqueles
da poesia agônica
faraônica
bubônica
atômica
venero a poesia do mais interior do ser

seja lá o que isso for
e não me importa
claro
sou daqueles
que não se importam
pra quê se importar
se não somos nós que decidimos
o destino de nós mesmos
e de nossos quereres
e de nossos desejos
e de nossos isso e aquilo?
dez por cento somos nós, ou pouco mais
noventa por cento os demais
eu sou mas não sou
estou mas não estou
quero mas não quero
depende
do que me sobra
do que me é permitido
quisera ser independente
potente
sapiente
presente
não
no fundo
queria ser autêntico
sem amarras
eu mesmo
em mim e fora de mim
por dentro e por fora
me dar a conhecer
queria ser verdadeiro
herdeiro, useiro e vezeiro
do que penso
queria amanhecer eu e entardecer eu e anoitecer eu
ter nascido eu ter vivido eu e morrer eu
que ainda estou vivo
embora não pareça
embora eu mesmo não aconteça
dependo de vós para acontecer
a cada instante
a cada dia
vossa vida não é vossa
é só uma aliteração da existência particularizada no outro
de novo o outro
sempre o outro
se não somos o outro
queremos ser o outro
mas chega do outro
vamos a nós
eu e você
eu e vocês
que o trem já vai longe

já subiu e desceu
já passou pelo claro e pelo escuro
rios e florestas
mares e montanhas
e o que aprendemos?
nada
absolutamente nada
pensamos e pensamos e pensamos
e o resultado é nada
absolutamente nada
mas o final do caminho é o que menos importa
importa mais o caminho em si
ainda que tortuoso
ainda que sinuoso
ainda que belicoso
é no caminho que se vê a paisagem
é no caminho que se enxerga a mudança
o final é contingência
é só o final
e daí?
sou daqueles
que se esquecem do final
que se concentram no durante
a trama é mais importante do que o beijo do mocinho
não me interessa quem come quem
quem casa com quem
e sim por quê
e sim o porquê
ah se todos desejassem saber o porquê de tudo...
o mundo não seria vão
a vida não seria em vão
o barco é fim
o mar é fim
o singrar sim
sentir o vento, temer as vagas, queimar ao sol, dormir sob as estrelas
acordar em latitude e longitude diversas
perdido na imensidão
isso sim é meio
e o que importa é o meio
o caminho
o remoinho
salvar-se é só um detalhe
um fim como outro qualquer
importante
mas fim
o perigo é que ensina
o medo é que ensina
o pavor é que ensina
a tristeza é que ensina
a perda é que ensina
a dor é que ensina
o processo é que ensina
a felicidade é fim

e por isso descartável
bonitinha
mas ordinária
arbitrária
sou feliz na infelicidade dos outros
se eu ganho é porque outro perde
equação simples
simples conclusão
e eis que me sinto com fome
mas comer significa parar
parar de pensar
parar de escrever
é o corpo sobrepujando o pensamento
o grosseiro interrompendo o refinado
sempre assim
somos constantemente humilhados por alguém abaixo de nós
uma realidade atroz
uma servidão feroz
que cansa
que frustra
que irrita
que debilita
e me lembro que não paguei a conta que vencida hoje
mas também não escrevi o poema de amor para a mulher que já morreu
então tanto faz
a conta ainda pago depois
o poema precisará de nova musa
sempre assim
justificando as falhas
escondendo os erros
menosprezando a importância do que realmente importa
pois é
vivemos pelo que desimporta
todo dia
toda hora
o que importa deixamos pra depois
é trabalhoso
custoso
difícil
penoso
e aí corremos pela via mais rápida
mais fácil
muitas vezes mais elegante
e no entanto sempre a mais distante
distante do afeto
do carinho
do amor
da verdade
da humildade
mas nada disso importa
o que importa é ser celebridade
é a veleidade
vivemos na época da casca

da superfície
da imundície
o verniz da beleza tentando esconder a estultícia
o dinheiro subornando a imperícia
porque somos assim
todos filhos de caim
perversos
devassos
patifes
e nos disfarçamos com títulos acadêmicos
com falares polissêmicos
disfarçamos nossos tiques neurastênicos
com discussões politizadas
e opiniões abalizadas
somos todos neuróticos
e psicóticos
a partir do momento que negamos essa condição
de podridão
mental
carnal
espiritual
animal
somos cadáveres ambulantes
incongruências beligerantes
mendigos de uma existência corrompida
destruída
involuída
nunca houve tanto estudo
tanta tecnologia
e tanta gente morrendo
tanta anomalia
tanta apatia
tanta putaria
tanta segregação
tanto isolamento
tanto mau pressentimento
este é o mundo da ignomínia
da confraria
pequenos clubes que decidem o destino de milhões
de dinheiros e de pessoas
que se fodam os pobres
se meu caviar é fresco
sic transit gloria mundi
e não adianta reclamar
melhor puxar o meu pirão primeiro
antes que algum aventureiro
corte a minha mão
e acabe com a minha diversão
é que já perguntei ao padre
ao pastor
à reencarnação de buda
ao analista
e ao babalaô

e todos me recomendaram calma
muita calma
nessa hora atribulada
mas eu sou calmo
muito calmo
pra não matar e esfolar
pra não arrebentar
pra não desmoronar
e vou levando
em minha calma infinita
por outro lado
queria muito ser um imbecil
que não pensa
que só repete
que só se veste
que não tem opinião
que não sabe o que é opinião
que não sabe o que é ter opinião
que não aceita opinião
os imbecis são mais felizes
os tolos vivem mais
não lucubram
não especulam
tudo é festa
o mundo todo é uma festa
toda pessoa é uma festa
tudo é alegria
mas sou daqueles
que veem a ironia
que percebem a anomalia
a distopia
que preferem viver a utopia
não de serem felizes
mas de buscar eternamente a felicidade
a busca
o caminho
a via
as bifurcações
as dúvidas
as decisões
os erros
rotas refeitas
escolhas imperfeitas
que de perfeição o inferno está cheio
e o céu também
eu, de minha parte
fico no meio
sou um ser do meio
do meu ser o próprio freio
de mim mesmo o esteio
nem lá nem cá
o segredo da vida está em dosar
em combinar

ou descombinar
em equilibrar
ou desequilibrar
conforme necessário
conforme o dia
conforme a hora
conforme a pessoa
conforme o astral
conforme a vontade
o ideal
porque até o ideal muda
troca de lugar
troca de função
e por que não?
o mundo já é tenso demais
certinho demais
cartesiano demais
e quem erra seus males espanta
já quem canta nem sempre encanta
o ser amado
a ser conquistado
amor e conquista
amor é conquista
presa e predador
caça e caçador
infelizmente
assim vivem os casais
normais
tão bonita a normalidade
tão uniforme
tão coerente
tão tão
que o digam os suicidas
os depressivos
os agressivos
as indústrias farmacêuticas
as fábricas do entretenimento
os psis analistas do absurdo
enfim...
os que oprimem, que controlam, que comandam, que mandam e desmandam
todos normais
todos frugais
todos iguais
mas sou daqueles
que querem ser diferentes
mais eloquentes
mais divergentes
mais destoantes
não gosto de ficar parado
meu pensamento toma sempre novos rumos
inusitados
desindicados
o pensamento é o sexo da mente

acende
caminha
aquece
explode
pulsa
apaga
renasce
meu pensamento é meu sexo solitário
meu onanismo habitário
meu orgasmo incendiário
e – saibam todos! – meu orgasmo a mim pertence
ainda que dividido
compartilhado
emprestado
empestado
usado e abusado
no final ele é só meu
eu determino para quem ele vai
a quem é dedicado
minha fantasia é minha própria viagem
pela senda do erótico
convido quem quiser
embarca quem puder
quem aguentar
sou do erótico
do gótico
da penumbra
dos segredos revelados
dos mistérios desvelados
dos corpos explorados
penetrados
sou do gozo vasto
profundo
exacerbado
demorado
prolongado
do suor
dos músculos exauridos
dos prazeres dos sentidos
o sexo é a entrega dos corpos
o sexo é o amálgama dos seres
o dois em um que ainda são dois
e permanecem dois
a despeito das novelas
a despeito das filosofias
existenciais
sobrenaturais
episcopais
morais
mas o tesão é amoral
e o gozo é sempre individual
imoral
sem moral

sem igual
que poucos conhecem
que poucos entendem
uma divindade a quem muitos ofendem
por desconhecer
por não saber
por confundir
por obstruir
por impedir
e mais uma vez me desvio do tema central
que era?
que era...
não importa
está aberta a porta
para o pensamento
sem constrangimento
pode entrar
pode sair
meu pensamento é livre
faz o que quiser
vai pra onde bem entender
mas ando meio desorientado
cansado
da imbecilidade à minha volta
estou ficando velho
impaciente
intransigente
rabugento
mas será mesmo?
parece que quanto mais eu voou mais as pessoas ficam no chão
sei não
tenho muita preguiça
de falar
de me relacionar
há um oceano cada vez maior entre mim e a humanidade
até meus amigos
ou ex-amigos?
segui por um caminho
eles por outros
há uma distância grande
que só se expande
deve ser culpa minha
sou misantropo
sou minoria
e a maioria sempre vence
a maioria sempre tem razão
o freguês tem sempre razão
freguês não
agora todos são clientes
exigentes
eu é que devo estar deslocado
inapropriado
mal ajustado

deslocado
mas olho ao redor
tento encarar
mas não consigo
me retraio
preguiça de viver
preguiça de comer
preguiça de sair
preguiça de tudo
até de pensar
e é quando me animo
a continuar
parar de pensar jamais
parar de observar jamais
parar de analisar jamais
parar de criticar jamais
porque há os que fazem
e os que dizem como fazer
os que dizem o que fazer
sou daqueles
que muito dizem
e fazem pouco
que sabem que sem o dizer não há o fazer
mas o mundo só vê aquele que faz
pode fazer muita merda
mas merda é visível
mesmo quando escondida
nas grandes corporações
nas megaoperações
nos templos bancários
nos templos doutrinários
nos governos salafrários
nos paraísos fiscais
nos segredos de justiça
na corrupção desbragada
é visível porque fede
é visível porque cheira mal
é visível porque cheira a nossa podridão
não é a burguesia que fede
é a merda que ela caga sob a forma de dinheiro e poder e bens de consumo
cada vez mais consumíveis
cada vez mais inúteis
cada vez mais fúteis
e em tempos globalizados
pasteurizados
o pobre também virou burguesia
com muito orgulho
e tem direito ao bagulho
mas o pobre agora é burguesia no nome
no poder de compra ligeiramente aumentado
na real, brother
continua na miséria
na favela

só que a favela agora é de concreto
tem luz e tv a cabo
favela agora é comunidade
despensamento é celebridade
ignorância é modernidade
o pobre entrou nas estatísticas dos remediados
mas ainda é pobre
não tem o que comer
só tem porque os números do governo assim o querem
e todos acreditam
e todos viverão felizes para sempre
porque creem
porque não veem
eu prefiro descrer
prefiro duvidar
prefiro investigar
adoro fustigar
mesmo sabendo que vou me decepcionar
na prática jogamos o voto no lixo
no lixo que criamos
no lixo que acumulamos
e a tv fala de heróis
dos novos heróis
precisamos de heróis
quem somos nós
sem nossos heróis?
fabricamos heróis diariamente
do jogador de futebol
ao vendedor de pasta de dente
trabalhou?
é herói
lucrou?
é herói
fez o que pregou?
é herói
peidou?
é herói
cumpru nada mais do que sua obrigação?
é herói
com direito a pompa e circunstância
e por isso esse meu nojo constante
esse asco angustiante
essa insatisfação inebriante
esse cansaço contagiante
esse tédio nauseante
essa impaciência retumbante
e já que tudo é desmotivante
vou pensando cá comigo
abrindo novos horizontes
ainda que sozinho
vou deixando o trem seguir
exercitando meu pensar
com quem mais vier se juntar

é por aí assim
mais ou menos isso
é o que penso
no fluxo
do poema
no poema
do fluxo
no pensamento
do poema
no poema
do pensamento
é o que penso
como penso
se é que penso
enquanto penso...

Rio, 1diaemdez2014-1diaemjan2015